

A EMOÇÃO E A AFETIVIDADE NO CONTEXTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS

1

Mônica Hoehne Mendes

Trabalhar com jovens e adultos, em um processo de escolarização, constitui-se num mister desafiador, pois estamos lidando com pessoas que se encontram em uma faixa etária diferente daquela que comumente encontramos nas salas de aula de Ensino Fundamental e Médio. São pessoas que, por diferentes motivos, não conseguiram ou não puderam frequentar a escola no tempo regular.

Este contexto por si só gera diferentes emoções em quem aprende e em quem ensina!

Vamos esboçar o cenário: o sujeito na posição de quem aprende, em geral, chegará à sala de aula apreensivo e um tanto constrangido em relação ao seu “não saber”. Aquele que ensina, pleno de expectativas, chega frequentemente procurando a melhor forma de ensinar, portanto, com inseguranças.

Acredito realmente que a emoção tem um papel fundamental, na relação professor/aluno, e que a educação deve prestar e dar mais atenção a este aspecto! A partir das ideias de Maturana, podemos constatar que na relação entre estes atores há sempre um certo *emocionar* que define o ponto de partida do encontro com a

negação ou a aceitação. Lembrando que estamos tratando da relação professor/aluno, o desdobramento deste encontro já estará delineado.

Neste sentido, nos deparamos muitas vezes com a pouca experiência do professor para lidar com tais conflitos, levando-o a sentir-se despreparado para este desafio. Por esta razão, (muito embora, este não seja o foco deste trabalho) acreditamos ser necessário que a graduação em Pedagogia viabilize, além das disciplinas que proveem os conhecimentos, a promoção das interfaces com as experiências dos alunos (futuros professores) obtidas em seus estágios, para ajudá-los a intervir na realidade das classes de EJA.

Defendemos a proposta de uma ação voltada para os aspectos intrapessoais do educador e, conseqüentemente, interpessoais, por meio da representação de valores sociais deste, ou seja, é necessário ter conhecimento de suas próprias emoções, para saber lidar com as relações em que elas estão sempre presentes.

Ao longo de minha vida profissional, venho desenvolvendo um trabalho contínuo com futuros professores (curso de graduação em Pedagogia, Licenciatura) e aos já formados (cursos de *lato sensu*), o que me permite perceber e conhecer as aspirações, conflitos e até mesmo decepções desses profissionais. Sempre procuro saber o que leva alguns professores serem fortemente entusiasmados e comprometidos com o ensinar e outros não.

Por esta razão uma das preocupações que me inquietam é a vulnerabilidade dos professores do ponto de vista emocional, pois podemos perceber a fragilidade de muitos deles diante das situações comuns em salas de aula. É notório que o conhecimento pressupõe um caminho de prazer e dor simultaneamente, ou seja, o prazer sentido no momento em que adquirimos o conhecimento e a dor ao nos defrontarmos com as dificuldades inerentes a alguns processos de aprendizagem. Citando Cortella, “como o interior de uma relação afetiva, a aula impõe dedicação, confiança mútua, maleabilidade e prazer compartilhado.” (2004)

Em situações cotidianas de sala de aula, observamos os professores não apenas se decepcionarem com a não-aprendizagem de alguns de seus alunos, mas por apresentarem atitudes de impaciência e até mesmo hostilidade em relação aos mestres. Este comportamento provoca um distanciamento na relação professor-aluno, além da geração de emoções que traduzem o desconforto associado frequentemente ao sentimento de raiva. O agravante é que estas reações podem ocorrer tanto nos alunos vítimas da frustração e impaciência do professor, como no próprio professor por não ver seu esforço de ensinar, recompensado.

Segundo Romão,

Enquanto o saber sistematizado, com densidade epistemológica, pode ser adquirido em cursos, treinamentos e capacitações, o ser educador vai se construindo com o saber adquirido na teia das relações historicamente determinadas, que vão construindo as dúvidas, perplexidades, convicções e compromissos. (p. 64, 2010)

Esta contextualização nos mostra, por um lado, que para entender algo tão pessoal como o ato de ensinar, é necessário compreender quem é o aluno de EJA, sua história, sua realidade, sua personalidade, enfim porque o modo de aprender é de uma determinada forma. Por outro lado, encontramos o professor que também carrega uma trajetória marcada por expectativas, sofrimentos e perdas em suas interações com situações de aprendizagem, o que só é possível resgatar por suas narrativas. Ao reconhecer a dimensão afetiva da docência ao lado de outras dimensões – socioeconômica, cognitiva, biológica, entre tantas – constatamos sua importância para a efetivação do processo de aprendizagem.

Sabemos que a identidade profissional geralmente é resultado de um longo processo para construir um modo próprio de se sentir professor e, ao mesmo tempo,

dar sentido ao seu exercício cotidiano. É, portanto, resultado da maneira peculiar como cada indivíduo interpreta seu fazer e reage ao meio.

Frequentemente, observamos que é difícil para o aluno adulto discriminar suas emoções diante de aprendizagens fracassadas e expressá-las de forma objetiva. Em nosso entender, é fundamental que o educador tenha o papel de mediador entre o aluno e o conhecimento, assim como entre o aluno e suas emoções, ajudando-o a diferenciar seus sentimentos em situações de fracasso, assim como quando ele é bem sucedido.

Em outras palavras, “ambos, professor e aluno, trabalharão o tempo todo: o primeiro como provocador, incentivador, sistematizador e avaliador; o segundo, como provocado, descobridor, co-sistematizador e co-avaliador/avaliado.” (Romão, 2010, p. 75)

Urge encontrarmos este espaço de interação, pois constatamos a existência de muitos alunos resistindo à forma como a escola lhes ensina e, além disto, há muitos professores resistindo a rever sua maneira de ensinar.

Educar as emoções é dotar o indivíduo de recursos e estratégias cognitivas, emocionais e de relacionamento interpessoal que lhe permita ter maior controle intrapessoal, fortalecendo-o para enfrentar as pressões recebidas em seu cotidiano. Podemos dizer que é prover o profissional da educação de maior conhecimento dos fenômenos emocionais, estimular o desenvolvimento da consciência emocional e administrar as próprias emoções.

Segundo Bezerra,

O principal é ajudar o professor a entender que adultos aprendem de forma diferente da criança e do adolescente e têm uma vida mais complexa,

com emprego, família para sustentar, preocupações e estresse, fatores que influenciam a aprendizagem. Não por acaso, a evasão escolar é uma das grandes dificuldades. As turmas apresentam diversidade acentuada, com relação ao tempo fora da escola e ao contato com a escrita, e com frequência têm ideias já enraizadas.

Diante destes impasses, constatamos o sentimento de desencanto que atinge muitos professores ao se depararem com as dificuldades de aprendizagem dos alunos e seu aparente desinteresse como consequência.

Para o professor de tempos pós-modernos, é necessário adaptar-se à multiplicidade de demandas, a busca produtiva de uma multiplicidade de sentidos, que ajudem o aluno em sua compreensão. Criar um espaço de leveza para o ensinar, levando-se em conta até mesmo as perguntas que parecem fora do tema inicialmente proposto, o que permitirá trazer o aluno para uma outra imersão nos conteúdos vindouros. Para isto, é imprescindível a existência de um vínculo emocional positivo entre os atores desta relação.

No entender de Berger e Luckmann (1995), o indivíduo vai construindo uma estrutura biográfica a partir dos momentos sucessivos de sua experiência e o compartilhar com outras pessoas os significados dessas experiências para que ocorra a integração biográfica comum pode gerar um processo de institucionalização. Esta visão encontra ressonância no pensamento de Paulo Freire, que nos assinala a importância do compartilhamento das experiências entre os alunos jovens e adultos

Quando o professor consegue “escutar” a vontade de saber dos alunos, é possível favorecer experiências prazerosas com o aprender. Para Maturana, esta escuta dá-se levando em consideração a articulação das emoções e das atitudes das pessoas envolvidas nesta relação e abrindo espaços de conversa, rompendo, em decorrência, o silenciamento imposto a esta parcela da população.

Segundo Barcelos, a nossa prática pedagógica deve ter...

...uma visão orientada pela tomada de emoção como ponto de partida para a criação, para a invenção, enfim, para uma perspectiva curricular que se volte para os processos de reconhecimento das diferentes subjetividades em movimento no espaço da escola. (p.37)

6

Como nos lembra Maturana, “o humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional”. Só desta forma uma aprendizagem pode acontecer com êxito. O mesmo autor afirma

...sabemos que quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção. (p. 15, 2002)

A Educação de Jovens e Adultos é, felizmente, uma área de atuação do pedagogo que se encontra em grande evidência. Haja vista a atuação do nosso Grupo de Estudo sobre Formação de Educadores de Jovens e Adultos, bem como as publicações que vêm se multiplicando ultimamente. Acredito que estamos no caminho certo, enveredando nos estudos que possibilitam uma compreensão cada vez maior das entranhas desta área!

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Valéria A. A. *Cognição, afetividade e moralidade*. Revista Educação e pesquisa. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000200010&lang=pt. Acesso em 28 mar. 2010.

BARCELOS, V. *Educação de Jovens e Adultos : currículos e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2010.

BERGER, Peter, e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

BEZERRA, E. da C. Saberes e Competências. In: *Nova Escola*, Editora Abril, Fundação Victor Civita, junho/julho 2011.

CANÁRIO, R. *A escola: o lugar onde os professores aprendem*. Universidade de Aveiro. Portugal, 1997. (mimeo)

CORTELLA, M. S. *A escola e o conhecimento : fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez, 2004.

GADOTTI, M. e ROMÃO, J. E. *Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta*. São Paulo: Cortez, 2010.

MENDES, M. H. Intervenção Institucional: uma proposta. In: *Psicopedagogia – Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia*, nº 51, vol. 9, 2000

MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.